

APRESENTAÇÃO

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Florbela Espanca (Portugal)

...navego pelo universo da mulher,

essa alma desconhecida

onde descobri poderes adormecidos

Paulina Chiziane (Moçambique)

Cansei-me da imensa beleza das histórias

em que as mulheres amam e a única saída é a morte.

Vera Duarte (Cabo Verde)

Neste início de século XXI, estabelecer interfaces entre literaturas e sociedades corresponde, necessariamente, ao trato temático-discursivo e sociopolítico de um fator que impera nesta contemporaneidade: as reflexões sobre as nuances da diversidade. Novas abordagens da teoria e crítica literárias em relação às questões de gênero acentuam-se no leque da produção de conhecimento, ressaltando as relações entre diferença sexual, construção social e poder, o que impacta sobre as perspectivas literárias quanto às noções de um suposto cânone feminino. Por isso, este décimo número da Revista *Abril*, em especial, aborda as relações de gênero como construções sociais que, na representação ficcional, encontram-se configuradas em suas múltiplas possibilidades de interação e de exercícios de alteridade, o que leva a crítica literária, em subseqüentes deslocamentos, a transitar por um espaço que se constitui, nos termos de Sandra Regina Goulart Almeida, “como multifário e diversificado, no qual deve aprender a ver e ler amalgamando as esferas estéticas e políticas como contínuos sucessivamente entrelaçadas”.¹

A Revista *Abril 10* reúne textos e discursos de professores pesquisadores e pós-graduandos, em ampla articulação, aberta às múltiplas facetas naturais às construções identitárias. Esta publicação inicia sua seção de artigos com reflexões teórico-conceituais sobre as relações de gênero como construções sociopolíticas, com as preciosas colaborações de Mário César Lugarinho, Geruza Zelnys de Almeida e Kelly Cristina Marques, assim como de Roselene Berbigier Feil. Em seguida, apresenta abordagens investigativas sobre escritas de mulheres, a partir dos textos de Francisca Zuleide Duarte de Souza, Sarah Carmo, Anselmo Peres Alós e Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro. Fernanda Dusse, Karine Miranda Campos e Regina da Costa da Silveira, como também Jorge Valentim e Giselle Leite Tavares Veiga, destacam os funcionamentos literários de representações ficcionais de personagens femininas configuradas por escritores africanos de língua portuguesa. Com isso, as abordagens aqui selecionadas revelam “um fazer crítico contemporâneo”, que passa, segundo Gayatri Spivak, obrigatoriamente, pelos vieses da alteridade, “abertura ao outro, pela escuta qualificada a este outro”, de forma que o(a) leitor(a)/tradutor(a)/crítico(a) “possa se desfazer, assim, de seus próprios privilégios de fala e de intervenção.”²

Seguem-se, portanto, abordagens que convidam o(a) leitor(a) ao exercício de um olhar crítico voltado para subjetividades, identidades e escritas literárias de mulheres de países de língua portuguesa, como Maria Teresa Horta, Lídia Jorge, Paulina Chiziane, Judith Teixeira, Lília Momplé e Clarice Lispector; ao mesmo tempo, colaboram as percepções em que as representações de gênero nas literaturas de Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe envolvem, de forma dialógica, o fazer literário de autores que, com maestria, representam ficcionalmente as mulheres de seus países, a saber: José Craveirinha, Mia Couto e Ondjaki. Em conjunto, são escritoras e escritores que, em sua produção literária, estabeleceram – e estabelecem –, cada um a seu modo, permanentes interfaces com saberes, sentires e vivências de mulheres.

Essa tessitura de vozes, gestos e imagens de mulheres e homens em relação – entre si ou consigo mesmos(as) – revela ao (à) leitor(a), na escrita e na estética, os deslocamentos discursivos processados por autoras e autores de língua portuguesa na contemporaneidade. Tais representações, somadas ao testemunho da escritora moçambicana Paulina Chiziane, aqui veiculado, destacam, ainda mais, “essa alma desconhecida”, de tão silenciada historicamente pelas hegemonias sexistas e colonialistas. Assim, envolta no clamor pela alteridade plena, proferido por Florbela Espanca e Vera Duarte, esta Revista *Abril 10* aciona o potencial político-discursivo dessas literaturas, ao estabelecer o diálogo entre vozes de mulheres e vozes sobre mulheres dos diversos países acima referidos.

No sentido contrário ao das hierarquizações que, historicamente, silenciaram – e ainda silenciam – vozes, gestos e sentires de mulheres em todo o mundo, esta publicação destaca vozes enunciativas em diferença, sejam estas do âmbito sexual, social ou político, afirmando, em seu recor-

te temático-discursivo, o necessário respeito à diversidade. As palavras de Paulina Chiziane acentuam essa condição subalternizada historicamente conferida à mulher em diversas culturas. É também por isso que, uma vez mais, acentuamos o perfil deste número 10 da Revista *Abri!*: contemporâneo, dialógico e voltado para a reflexão crítica sobre a diversidade no âmbito das relações de gênero, a fim de, junto com Inocência Mata e Laura Padilha, “colocar mais uma pedra no edifício construído com a argamassa da diferença, sempre com o cuidado científico e teórico-metodológico de não sucumbirmos ao falso apelo de redutores essencialismos”³

Niterói, abril de 2013.

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

Iris Maria da Costa Amâncio

Organizadoras

NOTAS

1 ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Apresentação. In: ROJO, Grínor; ROJO, Sara; RAVETTI, Graciela. *Para uma crítica política da literatura: três perspectivas latino-americanas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012, p. 16.

2 SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 apud ALMEIDA, 2012, p. 10.

3 MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (orgs.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, p. 17.